



V ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGeo

“Geografias em movimento e os movimentos na Geografia: escalas, tensões e contradições”

03 a 08 de junho de 2024 – Três Lagoas/MS

TRABALHADORES EMBARCADOS DO PANTANAL SUL: VIDAS PRECÁRIAS, PERTENCIMENTO E AFETIVIDADES

FERNANDES, Tatiane Aparecida Dreger de Souza
CRUZ, Ricardo Luiz

- (X) Resumo expandido
- () Projeto de pesquisa
- () Relato de experiência

EIXO TEMÁTICO

- () Dinâmica Ambiental e Planejamento
- (X) Dinâmicas Territoriais na Cidade e no Campo
- () Ensino de Geografia, Educação Ambiental e Práticas Pedagógicas

1) INTRODUÇÃO

Os trabalhadores embarcados do Pantanal Sul-Mato-Grossense são ribeirinhos (tanto homens, quanto mulheres) que exercem o trabalho de pesca artesanal, como também piloteiros atuando como atendentes do turismo contemplativo e pesca desportiva (pesque e solte). As dinâmicas relacionais e simbólicas que envolvem este trabalho estão inseridas no contexto familiar, onde a família repassa de geração para geração as habilidades empíricas e tradicionais relacionadas ao território pantaneiro (Fernandes, 2024). Por exemplo, registros apontam que a ocupação do Pantanal iniciou-se aproximadamente 8,4 mil anos atrás, com indígenas que praticavam a pesca utilizando canoas de madeira e cerâmica (Brasil, 2015). No entanto, ao longo dos séculos, esses povos foram expropriados ou dizimados por latifundiários que se apropriaram dessas terras através da pecuária extensiva (Esselin, 2011). Os indígenas que resistiram a esse processo adaptaram-se às novas conjunturas econômicas do Pantanal Sul, muitos tornaram-se trabalhadores em fazendas de gado, enquanto outros se estabeleceram em pequenos povoados da região, hoje conhecidos como as cidades de Miranda e Aquidauana (Brasil, 2015), todavia, permaneceram com a habilidade de pesca artesanal, exercendo-a em rios pelo Pantanal Sul.

Na viragem do século XX para o XXI, o neoliberalismo começou a se introduzir na América Latina, abrindo espaço para a informalidade do trabalho, subemprego e desemprego (Cruz, 2022). Este cenário repercutiu no Brasil, assim como no Pantanal Sul. Moradores das cidades de Miranda e Aquidauana, sendo em sua maioria descendentes de indígenas, encontravam-se desempregados e sem vínculos formais de emprego; através da pesca, garantiam o único sustento familiar. Concomitantemente a este



V ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGeo

“Geografias em movimento e os movimentos na Geografia: escalas, tensões e contradições”

03 a 08 de junho de 2024 – Três Lagoas/MS

cenário, o turismo começou a se estabelecer no Pantanal Sul. O Turismo Contemplativo e pesca desportiva tornou-se um elemento determinante para que pecuaristas ampliassem seus lucros. O Estado de Mato Grosso do Sul passou a investir em estratégias e infraestruturas para o fomento do turismo na região, como a criação da Estrada Parque Pantanal (EPP) (Almeida, 2007; Fernandes, 2024).

Neste cenário, a comunidade do Passo do Lontra surgiu às margens do Rio Miranda e da Estrada Parque Pantanal, com trabalhadores desempregados sendo atraídos das cidades de Miranda e Aquidauana para atender à demanda turística da região. Essa demanda alimentava uma ideia esperançosa de desenvolvimento econômico local, com maiores ofertas de trabalho em pousadas e atendimento aos turistas que transitavam pela EPP e desejavam pescar no Rio Miranda. Inicialmente, esses trabalhadores procuravam combinar a atividade de pesca artesanal com a função de piloto; no entanto, com o passar do tempo e o avanço da degradação ambiental no Pantanal Sul, a pesca foi relegada ao segundo plano, dando lugar a trabalhos cada vez mais sazonais, considerando os períodos de cheias e secas no Pantanal, ora como pilotos/as pelo rio, ora como camareiras, cozinheiras/os em pousadas, ora como trabalhadores/as em fazendas (Fernandes, 2024). Conforme Figura 1, é possível visualizar a localização da Comunidade do Passo do Lontra no Pantanal Sul Mato-grossense, mais especificamente no município de Corumbá – MS, local onde residem diversos trabalhadores embarcados, sendo, portanto, o recorte espacial desta pesquisa.

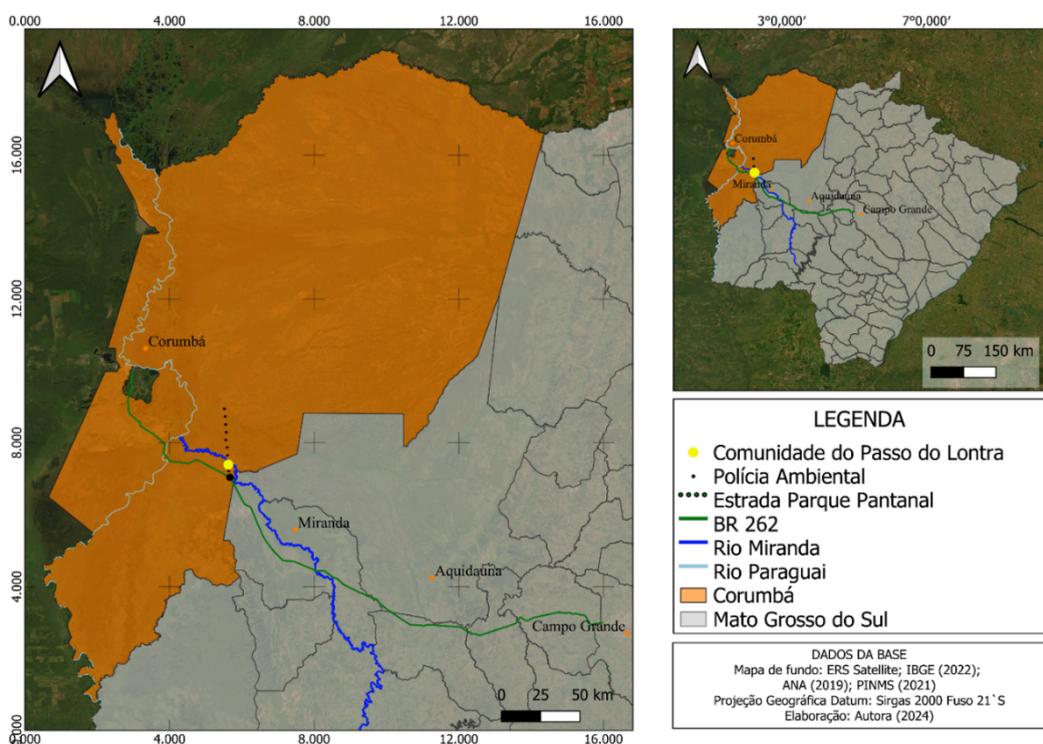
Figura 1. Mapa de localização da Comunidade do Passo do Lontra.



V ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGeo

“Geografias em movimento e os movimentos na Geografia: escalas, tensões e contradições”

03 a 08 de junho de 2024 – Três Lagoas/MS



Elaboração: Autora (2024).

Diante a estes conflitos e contradições que envolvem este território, este trabalho tem por objetivo expor a vida social e laboral dos trabalhadores embarcados que residem na comunidade do Passo do Lontra, diariamente estes sujeitos precisam enfrentar jornadas de trabalho exploratórias, de baixa remuneração e sazonalidade deste trabalho. Os resultados aqui apresentados fazem parte da ressenete dissertação de mestrado concluída pela autora¹, sob orientação do coautor deste trabalho.

2) METODOLOGIA

A metodologia proposta nesta pesquisa partiu da Etnografia, através da Observação Participante. Assim, trabalhos de campo foram realizados entre os anos de 2022 e 2024, coletando entrevistas, hospedando na casa de um casal de piloteiros e indo para o rio Miranda durante os atendimentos aos turistas e pesca. Conforme Clifford (2002), a etnografia possibilita um debate político e epistemológico, priorizando as relações de poder expressas territorialmente. Embora a pesquisa se concentrou em questões envolvendo povos tradicionais, como os ribeirinhos, pescadores artesanais, a cultura não foi invocada para invisibilizar processos de apropriação capitalista do território pantaneiro, que lhes têm subjugado a condições precárias e degradantes de trabalho e de vida, expressas nas atividades oriundas da divisão territorial e técnica do trabalho.

¹ Fernandes (2024).



V ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGEO

“Geografias em movimento e os movimentos na Geografia: escalas, tensões e contradições”

03 a 08 de junho de 2024 – Três Lagoas/MS

3) RESULTADOS E DISCUSSÕES

A comunidade do Passo do Lontra, localizada no Pantanal Sul, é uma comunidade ribeirinha. Seus moradores, em sua maioria, são descendentes de indígenas e aprenderam suas habilidades de pesca com seus pais, ou, no caso de algumas mulheres, com seus cônjuges. As habilidades tradicionais são passadas de geração para geração. Desta forma, esses trabalhadores conhecem bem o território pantaneiro, o melhor lugar para pescar, contemplar a paisagem e visualizar os animais da região. Têm profundo afeto pelo local, expressando sempre que possível que o rio é tudo para eles; é o lugar onde retiram recursos, sejam eles financeiros ou de subsistência, através da pesca artesanal. Neste mesmo espaço, criam seus filhos, conhecem seus amores, estabelecem momentos de lazer e formas de uso que ressaltam a defesa do meio ambiente para a perpetuação de seus trabalhos. Ou seja, produzem sociabilidades; a dinâmica com a água e o território tem ligação direta com suas vidas cotidianas e sociais - o rio possui valor capital para este grupo específico.

A comunidade do Passo do Lontra possibilitou a estes sujeitos novos horizontes de vida. Muitos procuravam emprego, outros um lugar para morar e habitar, outros fugiram da violência de seus lares. Fixar-se às margens do rio Miranda deu a estes indivíduos a oportunidade de se reconhecerem enquanto trabalhadores, mas, acima de tudo, recuperou seus sentidos de vida, resgatando suas raízes e culturas ancestrais. Contudo, este cenário não é totalizante. Esta comunidade é composta por simples casas de madeira sob palafitas; muitas destas casas molham em tempos de chuva. Também não possui esgotamento sanitário; os dejetos, quando não são depositados em fossas artesanais, são escoados para debaixo das palafitas, local onde acumula muito lixo e água parada com forte odor; parte desses dejetos ainda escoam para o rio Miranda. A água para consumo que a comunidade tem acesso são as águas do rio Miranda; há relatos de pessoas que ficaram adoecidas por consumir essas águas *in natura*. Aqueles que possuem melhores condições financeiras acabam por comprar água de um caminhão-pipa que passa pela região.

Apesar de amar seus trabalhos, e sempre que possível ressaltar que no rio esquecem-se dos problemas que são acometidos, como problemas de saúde, educação de qualidade para crianças e adolescentes, fome e escassez. As jornadas de trabalho enquanto embarcados não é nada fácil, no caso da pesca a diminuição de peixes no rio Miranda impedem está prática. Diversos relatos expõe um cenário onde a pesca está sendo relegada ao segundo plano, por não garantir mais o sustento familiar. Outra questão, enquanto pilotos enfrentam baixa remuneração, jornadas exaustivas iniciando de madrugada e terminando no início da noite. Trabalham em baixo do sol quente, exercem múltiplas funções como atendentes de turistas nos barcos e cozinheiros durante o almoço, ou seja, não se há nem mesmo momento de descanso. A



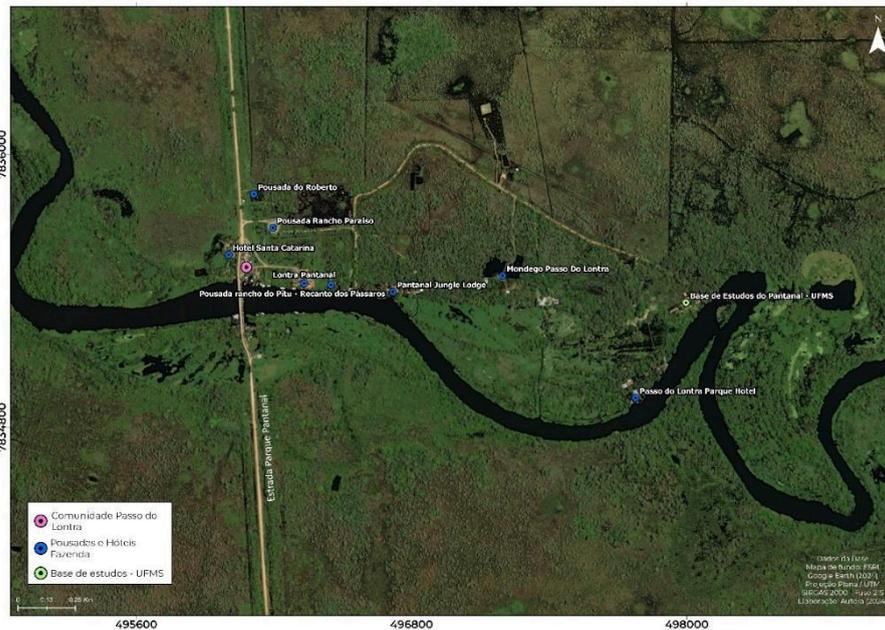
V ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGeo

“Geografias em movimento e os movimentos na Geografia: escalas, tensões e contradições”

03 a 08 de junho de 2024 – Três Lagoas/MS

baixa demanda turística da região também é um problema, apesar de haver alta passagem de turistas na localidade, esta demanda é totalmente absorvida pelas pousadas que existem em torno da comunidade, conforme figura 2.

Figura 2. Mapa de localização das Pousadas e Hotéis Fazendas em torno da Comunidade do Passo do Lontra.



Elaboração: Autora (2024)

Refletindo este cenário a luz das ideias de Pierre Bourdieu (2004) os padrões capitalistas são impostos nas sociedades de forma brutal por meio de práticas econômicas. Para que o capital se aproprie, por exemplo, de um território, é necessário que haja condições pré-existentes - o *habitus*. O *habitus* que este autor trata, indiferente ao comportamento, é na verdade uma estrutura, um sistema de disposições subjetivas que tem o intuito de adequar, submeter, ajustar e subjugar os grupos sociais de acordo com os objetivos de apropriação do capital, seja público ou privado. Assim, o *habitus* é um jogo social; o indivíduo imagina comandar o jogo, mas não o comanda; as condições impostas são o que o fazem internalizar suas relações e ações (Bourdieu, 1988).

O trabalho embarcado dentro do *habitus*, revela como a distribuição desigual de diferentes tipos de capitais e oportunidades de acesso é configurada. É crucial compreender que a dominação do capital não se restringe apenas a aspectos puramente econômicos, como a posse ou ausência de recursos monetários. Estão em jogo diversos tipos de capitais: o capital social, representado por conexões e redes de relacionamentos; o capital cultural, associado à educação e conhecimentos adquiridos; o capital político, que engloba participação em organizações comunitárias e influência



V ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGeo

“Geografias em movimento e os movimentos na Geografia: escalas, tensões e contradições”

03 a 08 de junho de 2024 – Três Lagoas/MS

no âmbito legislativo; e o capital simbólico, relacionado ao acesso a recursos como terra e água, que conferem *status* e poder na sociedade (Bourdieu, 2005; 2013a; 2013b). O *habitus* engendra a distribuição desigual destes capitais que moldam as relações de trabalho e os destinos dos indivíduos na sociedade, gerando a divisão social e territorial do trabalho que influencia e posiciona os sujeitos em hierarquias específicas.

Fernandes (2024) indica que na comunidade do Passo do Lontra existe um *habitus local*, pautado na subjetividade, no afeto e no pertencimento ao espaço e ao território pantaneiro, onde as relações com a terra, com a água, com a família, com os amores e com os amigos fazem com que estes sujeitos tenham uma única linha de horizontes possíveis, produzem territorialidades para resistir a apropriação capitalista. Este *habitus local*, por ser particular, sujeita-se a um *habitus global* imposto pela divisão social e territorial do trabalho que reordenou o território em uma nova funcionalização de atividades e cadeias econômicas. Nestes termos, surge a degradação, a desfiliação, a vulnerabilização do trabalho e do trabalhador em todas as suas esferas de direitos e acessos.

4) CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade do Passo do Lontra é um espaço de lutas. Uma dualidade se expõe, por um lado, turistas vislumbrados com as paisagens pantaneiras, e o latifúndio obtendo lucros a partir da pecuária extensiva e turismo. Por outro, uma questão inversa se apresenta: ribeirinhos submetidos a posições cada vez mais servis, sazonalidade e informalidade do trabalho, fome, falta de esgotamento sanitário e água tratada. Além disso, suas habilidades empíricas e cultura local é instrumentalizada e objetificada pelo turismo, o que ajuda invisibilizar suas resistências e lutas neste espaço. As dinâmicas subjetivas e simbólicas são degradadas neste território, a pesca que antes fazia parte do cotidiano, hoje, precisa enfrentar a falta de peixes no rio, devido a degradação ambiental em torno da bacia do Rio Miranda. O capital amplia e intensifica seus efeitos destrutivos sob o território, usurpando e deslegitimando grupos distintos, torna-se um trabalho estranhado/alienado, indiferente aos interesses coletivos e culturais destes indivíduos.

5) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Noslin de Paula. Segmentação do turismo no Pantanal brasileiro. Campo Grande (MS): UFMS, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A formação do *habitus* econômico. Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, 14.

BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. Novos estudos CEBRAP, p.105-115, 2013b.

BOURDIEU, Pierre. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado.



V ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGEO

“Geografias em movimento e os movimentos na Geografia: escalas, tensões e contradições”

03 a 08 de junho de 2024 – Três Lagoas/MS

Estudos avançados, v. 27, n. 79, p. 133-144, 2013a. DOI:
<https://doi.org/10.1590/S0103-40142013000300010>.

BOURDIEU, Pierre. Lições da aula. São Paulo: Ática, 1988

BOURDIEU, Pierre. O campo econômico. Política & Sociedade, v. 4, n. 6, p. 15-58, 2005.

BRASIL, João Felipe Domingues. Povos indígenas e expedições de conquista no Pantanal do século XVI. 2015. 97 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, 2015.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: GONÇALVES, José Reginaldo Santos (org). A experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002, pp. 17-62.

CRUZ, Ricardo Luiz. "Financeirização da Economia e Naturalização da Precariedade: Notas sobre a Gênese do Neoliberalismo na América Latina". In: SUZUKI, Júlio César et al. (Org.). A Precarização do Trabalho e as Crises dos Modelos Produtivos na América Latina no Século XXI. São Paulo: FFLCH/USP, PROLAM/USP, 2022, p. 72 – 106.

ESSELIN, Paulo Marcos. A pecuária bovina no processo de ocupação e desenvolvimento econômico do pantanal sul-mato-grossense (1830-1910). 2011.

FERNANDES, Tatiane Aparecida Dreger de Souza Fernandes. “Um dia a gente come, no outro não”: As condições sociais do Trabalho Embarcado no Pantanal Sul Mato-grossense. 2024. 114 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, 2024.